



A CRIATIVIDADE SÓ EXISTE NA SUA IMAGINAÇÃO

Você pode ler esta afirmação de duas formas.

A primeira delas é - "isso é fantasia". Ou seja, "não acredito em sua existência".

A segunda é - "ela existe sim e mora na nossa imaginação".

Ficamos com a segunda. Não é de hoje que a criatividade é tema de estudos, discussões e treinamentos. Já na década de 70, havia um curso muito freqüentado pela nata da publicidade brasileira. Era realizado em Buffalo, nos EUA e somava pontos nos portfólios e salários de redatores e diretores de arte. Felizmente, não é mais necessário ir tão longe: existem ótimos cursos aqui, no Brasil.

Mudou-se, principalmente, a postura. A capacidade de criar, de inovar, foi reconhecida como inerente ao ser humano:

Mas não estão longe os tempos em que criatividade era considerada como "dom", dádiva divina, privilégio de alguns abençoados. O exercício desse "dom" era simplesmente delegado a uma espécie à parte: artistas plásticos, escritores, músicos, poetas. Depois, ingressaram no seletor clã cineastas e publicitários-mas aqueles de uma área diferenciada, a "Criação".

Com a mudança de postura, percebeu-se também que a utilização da criatividade é benéfica e fundamental em todas as esferas de atividade. Viu-se que, em empresas onde há espaço para a criatividade, esta reverte em desafios e em motivação para vencê-los, simplifica processos e traz inovações que resultam em maior produtividade. Ou seja, em lucro.

Nunca é demais lembrar que, não fosse a criatividade, estaríamos ainda caçando o nosso alimento com as mãos e comendo-o cru porque nem mesmo o fogo teria sido inventado.



As pessoas vêm descobrindo também o quanto a criatividade pode enriquecer o dia a dia e os relacionamentos.

Como dissemos, as técnicas para o seu desenvolvimento estão cada vez mais modernas e sofisticadas.

Por que com tanta frequência não funcionam?

Por que as boas técnicas de um curso são esquecidas?

A resposta está num conceito simples, mas decisivo: **não adianta as pessoas saberem o que têm para fazer se não estiverem emocionalmente preparadas para fazê-lo.**

Isso nos leva à outra pergunta: quais as condições de ajustamento emocional que liberam ou impedem o uso da criatividade inerente ao ser humano?

A nossa experiência mostra que a condição primeira é o equilíbrio entre a agressividade e o medo.

A extensão do poder que o medo tem sobre nós é determinada pelo ambiente externo. Numa empresa onde erros não são vistos como chance de aprendizado, pelo contrário são passíveis de punições, eu não corro o risco de criar novos processos. Estes, como tudo o que é novo, trazem em si a possibilidade de falhar. Sinto medo e por isso, bloqueio a minha criatividade. Fico paralisado porque esta é a função do medo: nos paralisar frente a um perigo para que possamos avaliar o tamanho da encrenca.

O que nos leva a vencer o medo e agir é a agressividade. A forma como a utilizamos é determinada pelo nível interno de maior ou menor repressão deste impulso. Se não aprendi a usá-la positivamente, continuo paralisado mesmo se o grau de interdição externa (o tamanho de uma eventual punição) não o justifique. Isto é o que chamamos de interdição externa com cúmplice interno.

Há técnicas de liberação da criatividade que consideram o aspecto emocional, como o “brainstorming”. Consiste em criar, artificialmente, uma



ausência de medo, numa reunião onde as pessoas podem “ter idéias” sem censuras ou critérios como “boa”, “má”, “adequada”, “inadequada”, “inteligente”, “burra” etc.

Funciona? Geralmente sim, às vezes não. Costuma funcionar em empresas onde existe um mínimo de confiança e onde o medo existe dentro de limites saudáveis e razoáveis. Mesmo nestas, pode fracassar em períodos onde dificuldades de mercado trazem o inevitável medo de demissões.

Mas em empresas onde o medo é instrumento gerencial, um fantasma que assombra os funcionários, quem é que vai se expor num “brainstorming”?

A estas empresas, caso queiram os benefícios e o lucro que resultam de funcionários criativos e inovadores - aliás, indispensáveis em tempos de globalização, só resta uma possibilidade. Mudar. Transformar-se numa empresa onde as pessoas tenham o espaço necessário para viver adequadamente as suas emoções no papel profissional. Porque é justamente o equilíbrio entre agressividade e medo que constitui a base do ajustamento emocional necessário ao pleno desenvolvimento de talentos e potenciais e à liberação da criatividade.

(Publicado na Revista Vencer - nº 54, ref. evento “As 7 habilidades capitais”)